

Ninguém sai de *Alice* pelo mesmo caminho que chegou. E não adianta olhar para trás imediatamente ao entrar porque vê uma paisagem desconhecida como se nunca estivera ali. E olhar para trás é algo que nunca deve ser feito. *Alice* tem flores, e muitas cores a lhe dar um ar infantil e lúdico. Vêm-se crianças brincando nas praças, correndo atrás umas das outras, bicicletas e triciclos em descidas de rampas, horas adentro, como se a comida quente não estivesse na mesa esperando por elas, criaturas que parecem não se cansar do sol, do vento e de todo aquele rio. E tudo continua quando a noite cai.

Ninguém vende nada em *Alice*. Ninguém compra também. Tudo está lá como se brotasse do chão ou de árvores, e a pressa... ninguém conhece esta palavra.

Não! Não procure o cais onde você desembarcou. Ele não existe mais...

\*

**Carta para Alice ou O Nome da Cidade** pesquisa e propõe visualidades que constituem vários cotidianos, e ao *recortar* fotograficamente determinados ambientes, para compor uma outra realidade, amplia a noção do espaço em que a arte e a ciência se unem num diálogo criativo e renovador.

Propomos uma nova geografia, dentro de limites físicos já preestabelecidos, a partir de pesquisa visual de cores, luzes e formas de centros urbanos localizados em pontos equidistantes dentro do estado do Pará, utilizando imagens fotográficas e ferramentas de desenho de computação.

**Alice** será uma cidade virtual, e que no entanto existirá a partir das imagens que serão captadas, por meio de fotografias, das cidades das fronteiras do Estado do Pará. A nova cidade será composta da soma dessas imagens, com seus personagens e sua luz, e se localizará no encontro de duas linhas imaginárias, que traçadas vertical e horizontalmente, unirá as cidades eleitas. No encontro dessas linhas, acha-se a latitude e longitude de **Alice**.

Quando propomos a criação de um lugar que só vai existir na virtualidade, propomos um distanciamento de padrões mais clássicos de cálculo arquitetônico, a fim de provocar uma discussão sobre o lugar onde se insere a obra de arte, sua função e o papel efetivo, em relação à nossa vida, quando oferece outras perspectivas de reflexão como um contraponto ao entorno onde tudo se desfaz em segundos, também como contraponto aos desejos imediatos cujos objetivos se perdem por falta de uma sólida construção.

E este lugar a ser criado, ou quem sabe, descoberto sim por meio de cálculos (achar a latitude e longitude pelo encontro das linhas que se cruzam ligando

as cidades visitadas], em meio a esquadros e réguas, impescinde da sistematização científica, parceira fundamental do método processual, a dar a exata localização de um território que surge para além do concreto, que flutua sobre a ordenação vulgar de caminhos, demonstrando a possibilidade de superposição das dimensões, que não obstante ocuparem realidades diversas, co-existem certificando-nos de suas existências.

Maria Christina

### **Ficha Técnica**

Edição

Maria Christina

Afonso Gallindo

Trilha

Som ambiente e argumento sonoro de Renato Torres



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Ministério da  
**Cultura**



Este projeto foi contemplado pela Fundação Nacional de Artes – FUNARTE no Edital Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística em Artes Visuais.